



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

NAYANE HELLEN MAMEDE GUEDES

UM OLHAR SOBRE A DIFICULDADE DE LEITURA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

**GUARABIRA
2018**

NAYANE HELLEN MAMEDE GUEDES

UM OLHAR SOBRE A DIFICULDADE DE LEITURA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Esp. Rônia Galdino da Costa

GUARABIRA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G924o Guedes, Nayane Hellen Mamede.
Um olhar sobre a dificuldade de leitura [manuscrito] : relato de experiência / Nayane Hellen Mamede Guedes. - 2018.
34 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Esp. Rônia Galdino da Costa , Departamento de Educação - CH."
1. Dificuldade de leitura. 2. Dislexia. 3. Proposta pedagógica. I. Título

21. ed. CDD 371.914 4

NAYANE HELLEN MAMEDE GUEDES

UM OLHAR SOBRE A DIFICULDADE DE LEITURA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 14 / 11 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Rônia Galdino da Costa
Prof.^a Esp. Rônia Galdino da Costa (UEPB)
Orientadora

Aline de Fátima da Silva Araújo
Prof.^a Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (UEPB)
Examinadora

Sheila Gomes de Melo
Prof.^a Me. Sheila Gomes de Melo (UEPB)
Examinadora

GUARABIRA

2018

À Deus, por ser essencial em minha vida.
E a minha família, por sempre me apoiar
e me proporcionar inúmeras experiências de
vida. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que me deu o dom da vida e me abençoa todos os dias com o seu amor infinito.

Sou grata aos meus pais, que me apoiaram muito com palavras de incentivo.

Agradeço aos mestres desta instituição, por todos os ensinamentos, que serviram de exemplo para que eu me tornasse uma profissional melhor a cada dia.

E, em especial, agradeço a minha orientadora e amiga pelas instruções e “puxões” de orelha.

Aos amigos, meu muito obrigada, por torcerem e vibrarem com a minha conquista.

“Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser, mas Graças a Deus, não somos o que éramos.”

(Martin Luther King)

UM OLHAR SOBRE A DIFICULDADE DE LEITURA: UM RELATO DE EXPERIENCIA

GUEDES, Nayane Hellen Mamede.*¹

RESUMO

A presente monografia é direcionada as dificuldades de leitura de um aluno do 3º ano do ensino fundamental, apresentando sintomas de dislexia, a escolha deste objeto de estudo baseou-se em um estudo de caso realizado no cumprimento do Estágio do PIBID. Sabemos que em cada ser existem suas particularidades, sua forma de aprender e de agir de acordo com aspectos físicos, ambientais e neurológicos. A identificação precoce e o adequado processo interventivo são essenciais para minimizar os efeitos negativos da dislexia. Para tanto, há necessidade de conhecimento sobre a diversidade encontrada no transtorno. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as possíveis causas das dificuldades de leitura desse aluno, apresentando propostas pedagógicas de superação dos problemas detectados. Sabendo que através da leitura, adquirem-se saberes e conhecimentos sociais, culturais, valores e experiências com o mundo e com os outros. Acreditamos que esse trabalho é relevante e trará contribuições, no sentido de oferecer formas para intervir com uma criança que tenha a mesma dificuldade desse aluno.

PALAVRAS- CHAVE: Dificuldade de leitura; Dislexia; Propostas Pedagógicas.

¹ Nayane Hellen Mamede Guedes. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: nayguedess@outlook.com

A LOOK AT DIFFICULTY OF READING: A REPORT OF EXPERIENCE

GUEDES, Nayane Hellen Mamede

ABSTRACT

The present monograph is directed to the reading difficulties of a 3-year-old elementary school student presenting dyslexia symptoms, the choice of this object of study was based on a case study carried out in fulfillment of the Stage of the PIBID. We know that each being has its particularities, its way of learning, its way of acting, according to physical, environmental and neurological aspects. Early identification and the appropriate interventional process are essential to minimize the negative effects of dyslexia. Therefore, there is a need for knowledge about the diversity found in the disorder. In this sense, the general objective is to analyze the possible causes of the reading difficulties of this student presenting pedagogical proposals to overcome the detected problems. Knowing that through reading they acquire knowledge and social, cultural knowledge, values and experiences with the world and with others. We believe that this work is relevant and will bring contributions, in the sense of offering ways to intervene with a child who has the same difficulty as this student.

KEYWORDS: Difficulty in reading; Dyslexia; Pedagogical Proposals.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM	09
3. DIFICULDADES DE LEITURAS X DISLEXIA	16
3.1 Tipos de Dislexia.....	18
3.2 Possíveis Sinais de Dislexia.....	20
4. CASO DO ESTÁGIO E DIFICULDADE DO ALUNO	21
5. PROPOSTA PEDAGÓGICA	23
5.1 Método Fônico	27
5.2 Características do Método Fônico	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
APÊNDICE	34

1. INTRODUÇÃO

Para entendermos os desenvolvimentos humanos primeiramente precisamos saber que, em cada um de nós existe uma particularidade e singularidade. Para Bock, Furtado e Teixeira (2008), o desenvolvimento é um processo contínuo e ininterrupto em que os aspectos biológicos, físicos, sociais e culturais se interconectam, se influenciam reciprocamente, produzindo indivíduos com um modo de pensar, sentir e estar no mundo absolutamente singular e único.

Com isso, se nesse processo algo não se desenvolve pode gerar alguns problemas, entre eles, a dificuldade de leitura, que vem sendo um problema bastante debatido e preocupante, suas causas podem estar relacionadas a fatores exteriores ao indivíduo ou inerentes a ele, decorrendo de situações adversas à aprendizagem como o déficit sensorial, baixa condição socioeconômica, problemas cognitivos e neurológicos.

Desta forma como objetivo geral pretendemos analisar as possíveis causas das dificuldades de leitura de um aluno do 3º ano do ensino fundamental, apresentando propostas pedagógicas de superação dos problemas detectados. Como objetivos específicos, iremos buscar conhecimentos teóricos sobre o desenvolvimento humano e sua aprendizagem, direcionado a compreender a dislexia de modo que esclareça seus conceitos. Trazendo o caso da dificuldade do aluno e sugerir propostas pedagógicas.

Após uma enriquecedora experiência realizada no PIBID, tendo através dele uma aproximação maior com o cotidiano escolar e com as crianças que frequentavam as séries iniciais do ensino fundamental, o tema despertou-me comoção e curiosidade. Pelo fato de uma grande parte dos alunos apresentarem alguma dificuldade na leitura, em especial um aluno que será o caso em estudo nesta monografia. Passei a observar o comportamento dessa criança na minha observação de seus comportamentos.

Muitas vezes o que se pode observar é um total desconhecimento por parte da equipe escolar sobre os motivos que levam essas crianças a demorar mais para compreender e assimilar o conteúdo, como também uma grande hostilidade à figura dessas crianças, taxadas na maioria das vezes de “indisciplinadas” ou “burras”, pelos colegas principalmente.

O modo como o professor utiliza as metodologias de ensino podem também interferir no aprendizado e na futura formação dos seus alunos. Desse modo, ao analisar as metodologias empregadas pelos professores, pode-se ter um indicador do nível de conhecimento sobre o processo de aquisição da leitura e das dificuldades geradas pela dislexia.

Os pais também devem participar do processo de aprendizagem da leitura das crianças, oferecendo apoio e condições de aprendizagem, especialmente para aquelas que apresentam alguma dificuldade, gerando assim uma interação entre escola e família.

A relevância desta monografia se dá ao fato de que ela poderá contribuir de forma significativa com os colegas docentes; no campo científico produzir algo que possa servir de embasamento a outros, e no campo teórico, poder absorver tudo o que os autores estudados puderam oferecer.

No primeiro capítulo constitui-se a introdução, trazendo informações sobre o tema em questão, apontado a problemática, justificativa, objetivos e a estrutura.

O segundo capítulo apresenta o conceito do desenvolvimento humano, as teorias de aprendizagem na visão de alguns autores.

O terceiro capítulo apresenta as dificuldades de leitura versus dislexia.

O quarto capítulo apresenta o caso das experiências vivenciadas.

E o quinto capítulo aborda as propostas pedagógicas dos problemas detectados.

Acredito que esse estudo poderá trazer inúmeras contribuições, pois, poderá suscitar interesses para aqueles que desejam aprofundar seus estudos sobre o tema em questão e no sentido de oferecer formas para intervir com uma criança que tenha a mesma dificuldade do estudo de caso.

2. DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Os seres humanos são pessoas íntegras, mas para fins didáticos, o processo de desenvolvimento pode ser dividido em quatro dimensões: físico-motor, cognitivo-intelectual, afetivo-emocional e sócio moral.

Estudar o desenvolvimento humano significa reconhecer que ele é determinado pela interação de diversos fatores, tais como, a hereditariedade, a maturação neurofisiológica, o meio em que o sujeito está inserido, a cultura e as transformações históricas.

Durante a evolução histórica da ciência foram adotadas diferentes concepções sobre o desenvolvimento humano que apresentam visões diversas sobre a “natureza” humana, o modo de aquisição e apropriação dos conhecimentos. Foram diferentes formas de pensar como o ser humano se desenvolve.

A primeira é o ambientalismo, essa concepção confere da importância ao ambiente no que se refere ao desenvolvimento humano. O homem é concebido como um ser dinâmico, que desenvolve suas características em função das condições presentes no meio em que se encontra. Para Bandura (1989):

Um dos adeptos desta abordagem, “A natureza humana é caracterizada por uma grande potencialidade que pode ser modelada, por experiências diretas e substitutivas, em uma variedade de formas, dentro dos limites biológicos” (BANDURA, 1989, pág. 51).

Essa teoria não nega as bases genéticas, mas considera que o comportamento das pessoas é moldado por processos de aprendizagem previsíveis, especialmente por imitação, ou seja, as pessoas ao verem outras pessoas se comportando, aprenderiam novos comportamentos.

Outro autor também preocupado com a influência da aprendizagem para o desenvolvimento foi Skinner (1978), o qual, em seus experimentos e em sua teoria decorrente destes, descreveu um processo de aprendizagem que indica quais consequências que ocorrem após o comportamento e que podem fortalecer ou diminuir a ocorrência deste, o qual foi denominado de condicionamento operante, qualquer comportamento, cuja consequência tenha papel reforçador, apresenta maior probabilidade de voltar a ocorrer, na mesma situação ou em situação semelhante.

Por exemplo, se uma criança é elogiada logo após fazer um favor a uma outra criança, é provável que esse comportamento apareça novamente no relacionar-se com outras crianças. Situações agradáveis que seguem um comportamento aumentando, então, a possibilidade de ocorrência dele no futuro, são chamadas de reforços positivos. Podem ser consequências agradáveis, os elogios, sorrisos, abraços, atenção, alimentos, possíveis de ocorrer na relação entre pessoas.

Outra concepção é o interacionismo, qual confere que a criança constrói o seu conhecimento pela sua interação com o meio. Nessa interação, fatores internos e externos se inter-relacionam continuamente, formando uma combinação de influências. Estando embasada, portanto, na ideia de interação entre organismo e meio, e vê a aquisição de conhecimento como um processo construído pelo indivíduo durante toda a sua vida, não estando pronto ao nascer, nem sendo adquirido passivamente graças às pressões do meio. Para os interacionistas nada se perde, tudo se transforma.

Experiências anteriores servem de bases para novas construções que dependem, todavia, também da relação que o indivíduo estabelece com o ambiente numa situação determinada. O ser humano é concebido como um ser ativo que, ao interagir com o mundo, o reconstrói, desenvolvendo novas estruturas cognitivas.

Algumas possibilidades a criança já apresenta em função do seu nascimento, como por exemplo, os reflexos e a capacidade de movimentar-se e, outras serão construídas pela interação da criança com o meio. Segundo Lino de Macedo, o construtivismo é uma teoria interacionista que pressupõe uma conversa entre o passado e o presente. Cabe também pontuar sobre o desenvolvimento físico-motor que dividimos em partes:

Desenvolvimento Pré-natal - O desenvolvimento pré-natal refere-se ao desenvolvimento dentro do útero materno. Há 03 períodos principais no desenvolvimento pré-natal:

- O período de ovo (germinal): este período inicia-se com a concepção e estende-se até a implantação do zigoto na parede do útero materno. Este processo ocorre entre 10 a 12 dias após a concepção.

- O período embrionário: este período vai desde a implantação até por volta de 08 semanas de gestação. Na oitava semana a maioria dos órgãos já possui uma forma primitiva, sendo o crescimento extremamente rápido nesse período.
- O período fetal: este período inicia-se por volta da 9.^a semana de gestação e permanece até o nascimento. Aqui são formados todos os órgãos, os ossos, os músculos, os nervos e todas as partes do corpo. No final o bebê está pronto para o nascimento e para viver fora do corpo materno.

Nascimento, Segundo Cole e Cole (2003), representa a primeira alteração biossociocomportamental e define-se como uma das transições mais radicais da vida. A partir do nascimento, o bebê deixa as condições ideais do útero materno e passa a interagir com os meios físico e social, iniciando suas aprendizagens. Uma das primeiras é o fato de ter que respirar por si mesmo.

Os pulmões se inflam ao receber oxigênio e a vida dá ao novo ser humano um recado: "A partir de agora, é com você!". No entanto, se em termos de funcionamento biológico, ao nascer, o bebê torna-se um ser individualizado (porém não independente), em termos cognitivos, afetivos e sociais, esse bebê necessitará da interação com outros humanos para construir-se.

Os bebês humanos são os mais frágeis e precisam de cuidados para sobreviverem. O que o bebê já possui quando nasce? Ao nascer o bebê já obtém os reflexos, a sua capacidade perceptiva (vê, ouve e sente), algumas capacidades motoras e algumas habilidades sociais (como o choro, por exemplo). Os reflexos são respostas físicas automáticas desencadeadas involuntariamente por um estímulo específico.

Principais reflexos presentes no nascimento:

BABINSKI - Quando tocamos na planta dos pés do bebê, ele primeiro abre e estica os dedos e depois os encolhe. Permanece até os 12-16 meses. É um dos últimos reflexos a desaparecer.

DEGLUTIÇÃO - Já está presente ao nascimento, embora ainda não seja bem coordenada com a sucção. O bebê já engole.

MARCHA AUTOMÁTICA - O bebê, quando segurado em pé e seus pés tocam uma superfície, mostrará movimentos semelhantes à marcha, colocando seus pés alternadamente. Como se estivesse andando. Este reflexo persiste por, aproximadamente, 02 meses.

MORO - Também chamado de reflexo do susto. Quando o bebê ouve um barulho alto ou tem algum tipo de choque físico, ele levanta e abre os braços, arqueando as costas para frente. Começa a enfraquecer a partir do 3.º mês.

PREENSÃO - Quando tocado na palma da mão, o bebê dobrará seus dedos em volta do dedo de alguém ou qualquer coisa que puder agarrar. Observável até o terceiro mês na maioria das crianças.

ROTAÇÃO (Pontos Cardeais) - Quando o bebê é tocado na bochecha, virar a cabeça em direção ao toque e busca algo para sugar. Mais forte nas 03 primeiras semanas, persistindo até um ano.

SUCÇÃO - Quando o bebê consegue colocar sua boca em algo sugável, ele suga. É considerado reflexo até os 03 meses, depois torna-se voluntário.

Os reflexos são manifestações normais e importantes no recém-nascido durante algum tempo, e que desaparecem com o desenvolvimento, reaparecendo em condições patológicas.

Outro desenvolvimento importante é do Sistema Nervoso, “O crescimento do cérebro antes e após o nascimento e durante o período da infância é fundamental para seu futuro desenvolvimento físico, cognitivo e emocional” (PAPALIA, 2006, pág., 166).

O sistema nervoso não está pronto quando o bebê nasce. A parte do cérebro que está menos desenvolvida é o córtex que está envolvido com a percepção, os movimentos corporais e o complexo processo de pensamento e linguagem. As células nervosas recebem o nome de neurônios.

Os seres humanos possuem cerca de 10 bilhões dessas células, quando o bebê nasce, ele já possui esse número de neurônios, ainda que o seu cérebro seja quatro vezes menor do que o de um adulto. O que o bebê ainda não possui em grande quantidade são as sinapses, ou seja, a ligação (comunicação) entre os neurônios que possibilita as várias ações e aprendizagens humanas. O que vai possibilitar a formação de sinapses (relações), entre outras coisas, é a interação do sujeito com o meio.

Outro é o Desenvolvimento Cognitivo (Intelectual) Piaget (1980) estudou o desenvolvimento numa perspectiva científica e a sua preocupação central foi saber como ocorre o conhecimento. Suas pesquisas buscaram não apenas conhecer melhor a criança, mas, antes, compreender o homem. Para Piaget a

criança não é um adulto em miniatura, mas sim alguém que pensa qualitativamente diferente do adulto.

Assim sendo, seu pensamento não é inferior, mas diferente do pensamento do adulto, com características próprias que Piaget busca detalhar em sua teoria. Piaget (1980) defendeu que a inteligência não é apenas um traço hereditário ou resultado de condicionamentos ambientais, mas que é construída através da interação entre o sujeito e o meio.

Dessa forma, quanto mais rico em estímulos - físicos e sociais - for o ambiente, mais a criança poderá atuar sobre ele e desenvolver-se.

Para Piaget, a base biológica tem grande importância no desenvolvimento cognitivo, porém, ela abre as possibilidades para o desenvolvimento infantil, ela não o determina. A maturação biológica, no entanto, nunca aparece independente de certo "exercício funcional". Ou seja, não é possível que haja maturação, se não houver estimulação do ambiente (Piaget, 1987).

Segundo Piaget (1980), a interação física é diferente da interação social. A interação física é aquela que se estabelece com os objetos físicos, as coisas materiais. A interação social é aquela que se concretiza entre as pessoas.

Quanto mais à criança estiver em contato com objetos físicos mais estará se desenvolvendo, uma vez que, a interação física estará propiciando a abstração e promovendo a construção de novos conhecimentos. A interação social também é um fator de grande importância para o desenvolvimento cognitivo, porque permite a consolidação de algumas estruturas cognitivas, como a linguagem, por exemplo.

O desenvolvimento cognitivo é um processo contínuo que passa por estágios que marcam diferenças qualitativas de um nível de pensamento e conduta para o outro. Piaget (1987) divide em quatro estágios: sensório-motor (0-2 anos); pré-operatório (2-7 anos); operatório-concreto (7-12 anos) e operatório-formal (12 anos em diante). Cada estágio envolve um período de gênese e um de consolidação.

E, por último, o Desenvolvimento Atípico - Quando as coisas não caminham como o previsto. O desenvolvimento de crianças que apresentam atrasos e/ou prejuízos em relação às crianças com a mesma faixa etária. Algumas vezes, o desenvolvimento de uma criança não ocorre da maneira considerada padrão e, por meio da observação e da comparação com o desenvolvimento da maioria

das crianças, podemos verificar alguns comportamentos que se desviam, diferenciam-se dos chamados padrões de normalidade.

Contudo, devemos nos atentar para as diferenças entre as crianças em seu desenvolvimento. Existem crianças que desenvolvem a fala antes da marcha, outras andam muito bem, e ainda não são capazes de pronunciar palavras de maneira correta. Ou seja, existem diferenças que devem ser levadas em consideração nesta observação do que é ou não “normal”.

Os parâmetros serão as fases do desenvolvimento, descritas anteriormente. Porém, é importante atentar para o ritmo e as oportunidades de desenvolvimento oferecidas a cada um. Para isso é preciso conhecer a história de desenvolvimento da criança. Nesse caso, os pais são informantes indispensáveis.

Os atrasos no desenvolvimento podem ser globais ou específicos. Por exemplo, a criança pode apresentar desenvolvimento físico normal e não falar, ou então, falar, andar, mas não conseguir aprender determinados conteúdos. Os atrasos sempre merecem a atenção de quem está com a criança, pois ela vai precisar de ajuda para superá-los.

Ressaltamos que, quanto mais cedo esses atrasos forem percebidos e diagnosticados, maior será a probabilidade de se evitar os prejuízos e o sofrimento emocional da criança e seus familiares. Com uma educação adequada, uma criança pode aprender tudo o que for permitido por suas potencialidades, considerando seus limites. Desenvolvendo-se o mais próximo da normalidade, mesmo apresentando problemas de comportamento, agitação ou agressividade, podem ter causas tratáveis e com isso melhorias e progressos.

Em se tratando de atrasos relacionados à linguagem e à comunicação, é necessária atenção na observação, pois, durante o início do desenvolvimento, é muito importante que a criança crie formas de comunicação para que consiga ser atendida em suas necessidades e, ainda, estabelecer contatos sociais e afetivos. Afinal, a linguagem será seu mais importante meio de comunicação e de interação social durante toda a vida.

A linguagem funciona como instrumento para a socialização, ou seja, é o meio usado em interações sociais visando à comunicação. A intenção de comunicar-se está muito relacionada à necessidade. Então, a maneira mais

importante de estimular o seu desenvolvimento é criar situações nas quais se comunicarem seja importante e gratificante.

Por exemplo, quando crianças pequenas ainda sem domínio da fala, solicitam algo (brinquedos, alimentos, atenção), devem ser estimuladas a pedir, o mais corretamente possível. Quanto mais cedo for realizada a estimulação da linguagem, maiores são as chances de prevenir distúrbios futuros na aprendizagem e problemas de desenvolvimento.

Todas as atividades de estimulação infantil devem ser realizadas de forma lúdica, com jogos e brincadeiras, para que a criança sinta prazer nas atividades. Também é imprescindível envolver a família para que esta favoreça o trabalho e conseqüentemente o desenvolvimento.

No que se refere a aprendizagem, trata-se do resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo maduro, “[...] a aprendizagem se refere a aspectos funcionais e resulta de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida” (JOSÉ & COELHO, 1999, pág., 11), não estando esse processo presente exclusivamente no ambiente escolar, como decorrência do ensino. Para José & Coelho (1999), essa aprendizagem para ser significativa deve envolver a imaginação, o raciocínio, análise, além do relacionamento entre ideias, coisas e acontecimento.

A família é o primeiro ambiente a proporcionar a aprendizagem, por meio de experiências educacionais a fim orientar e dirigir a criança, “[...] este tipo de aprendizagem e ensino em diferentes níveis de consciência dá-se durante todo o tempo, dentro ou fora da escola. Os pais e professores estão sempre ensinando simultaneamente em diferentes níveis de consciência, e as crianças estão sempre aprendendo” (LINDGREN, 1977, pág., 82).

A aprendizagem na escola deve estabelecer condições adequadas para a interação do educando, para que uma aprendizagem significativa possa realmente acontecer, e para tanto é imprescindível investir em ações que potencializem a disponibilidade do aluno para a aprendizagem, já que este processo não depende dele, mas de práticas didáticas que garantam condições para tornar favorável a manifestação no aluno a necessidade/vontade de aprender (BRASIL, PCN, 1997).

Portanto, o envolvimento do educando no processo de aprendizagem deve propiciar neste, sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos

em cada situação de sala de aula. Os recursos didáticos e procedimentos devem viabilizar a forma como acontece uma atividade, e desta forma facilita ao aluno o desenvolvimento de seus próprios esquemas mentais na organização do processo de aprendizagem (BRASIL, PCN, 1998).

3. DIFICULDADES DE LEITURA X DISLEXIA

A aquisição da leitura é um processo muito complexo e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas e de formas diversa de individuo para individuo, e no ensino fundamental, fase onde a leitura é desenvolvida de uma maneira mais frequente, muitos alunos apresentam certas dificuldades em realizar uma leitura clara, consistente, coerente e acima de tudo significativa para o ele próprio, como um leitor competente.

As dificuldades encontradas no processo de aquisição de leitura e de escrita são fatores que interferem na aprendizagem do aluno. As pesquisadoras ainda asseguram que a aprendizagem da leitura e da escrita, entendida como questionamento a respeito de sua natureza e de sua função se propõem a resolver problemas e tratam de solucioná-los, seguindo sua própria metodologia. Para isso deslocou-se a questão central da alfabetização do ensino para a aprendizagem. Partindo de como se deve ensinar e como, de fato, se aprende (FERREIRO E. & TEBEROSKY, 1985, p. 72).

Quanto aos distúrbios de leituras, que geralmente são encontrados nos alunos, José & Coelho (1999), apresentam seis distúrbios de leitura, o primeiro está relacionado a memória onde o aluno apresenta dificuldade auditiva e visual de reter informações, sendo incapaz de recordar sons das letras, bem como, juntar esses sons para formar palavras, dentre outras atividades que exijam a memorização pelo aluno portador desse distúrbio de memória, que é causado por disfunções do sistema nervoso central e geralmente só manifesta em um dos aspectos visual ou auditivo.

O segundo distúrbio é o da orientação espaço-temporal, onde o aluno não consegue reconhecer direita e esquerda, não compreende ordens das palavras, sendo incapaz de entender regras de jogos, conhecer horas, dias da semana, etc.

O terceiro distúrbio é do esquema corporal, o aluno tem um conhecimento deficiente de seu esquema corporal.

O quarto é o distúrbio da motricidade, os alunos com esse distúrbio não possuem uma boa coordenação motora, o que atrapalha no seu equilíbrio e sua destreza manual.

O quinto é o distúrbio topográfico, o aluno apresenta incapacidade de compreender legendas de mapas, gráficos, globos e maquetes, não conseguem entender escala simbólica que define o espaço real. E o último é o distúrbio da soletração, o aluno tem dificuldade de soletrar, cuja limitação na escrita será resultado da incapacidade de ler.

De acordo com José & Coelho (1999) as dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da leitura podem ser divididas em quatro categorias, a primeira diz respeito à dificuldade na leitura oral, que é devido à percepção visual e ou auditiva alterada, onde a criança recebe informações cerebrais distorcidas e frequentemente troca, confunde, acrescenta ou omite letras e palavras.

A segunda é a dificuldade na leitura silenciosa, que ocorre devido à distorção visual a criança apresenta lentidão acompanhada de dispersão e dispersão na leitura, perdendo-se no texto e repetindo palavras ou mesmo frases e linhas inteiras, além da necessidade de apontar com lápis, régua ou mesmo com o dedo, e fazendo leitura subvocal (cochichada).

A terceira é a dificuldade na compreensão da leitura, acontece devido à deficiência de vocabulário e a pouca habilidade reflexiva, a criança apresenta sérios obstáculos em entender o que está escrito.

Por fim, é a dislexia, na qual vamos enfatiza-la, trata-se da dificuldade com a identificação dos símbolos gráficos desde o início da alfabetização, acarretando fracassos futuros na leitura e escrita, ou seja, a criança apresenta dificuldades em perceber símbolos gráficos e esse distúrbio se encontra em nível da função de percepção, memória e análise visual.

Dislexia é uma palavra que deriva do grego. "Dis" (dus) significa dificuldade e "lexis", linguagem. Portanto, dislexia é o nome que se dá à dificuldade que algumas crianças apresentam para aprender a ler, escrever ou para compreender o texto que leem (VARELLA, 2012).

Jean Dubois *et al.* (1993, pág., 197) define a dislexia como um defeito de aprendizagem da leitura caracterizado por dificuldades na correspondência entre símbolos gráficos, às vezes mal reconhecidos, e fonemas, muitas vezes, mal

identificados. À dislexia, segundo o mesmo, interessa de modo preponderante tanto a discriminação dos signos fonéticos quanto o reconhecimento dos signos gráficos ou a transformação dos escritos em signos verbais.

Em outras palavras, a dislexia trata-se de uma dificuldade especialmente na área da leitura, escrita e soletração, portanto, impedindo o aluno de ser fluente, pois faz trocas e omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, silabada, dá pulos de linhas ao ler um texto, etc. Este transtorno é, geralmente, identificado nas salas de alfabetização, já que acontece o início da leitura precisa e fluente. No entanto, esses sintomas podem coexistir ou mesmo confundirem-se com características de vários outros fatores de dificuldade de aprendizagem.

A dislexia também pode ser chamada de “dificuldade oculta” ou “dificuldade invisível”, já que ela não está ligada a alterações físicas palpáveis. Estudos mostram que há uma pequena diferença na constituição cerebral de uma criança que apresenta essa dificuldade e outra que não apresenta.

Entretanto, essa diferença é muito pequena e não pode ser detectada por técnicas de exames mais comuns. Existe a possibilidade de que a dislexia possa ter uma causa cerebral, embora ainda haja muitas dúvidas quanto a essa questão. Mas foi constatado que o volume do lobo temporal direito é maior que o esquerdo, atribuindo, assim, a existência de uma base neurológica e biológica para o distúrbio. (IANHES e NICO, 2002).

3.1 Tipos de Dislexia

A dislexia pode ser classificada de várias formas, de acordo com os critérios usados para classificação. Alguns autores classificam a dislexia tendo como base testes diagnósticos, fonoaudiólogo, pedagógicos e psicológicos.

Conforme Ianhez (2002), a dislexia pode ser classificada em:

- **Dislexia disfonética:** dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais, e nas percepções da sucessão e da duração (troca de fonemas – sons, grafemas – diferentes, dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não têm significado, alterações na

ordem das letras e sílabas, omissões e acréscimos, maior dificuldade na escrita do que na leitura, substituições de palavras por sinônimos);

- **Dislexia diseidética:** dificuldade na percepção visual, na percepção gestáltica, na análise e síntese de fonemas (leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras, aglutinações e fragmentações de palavras, troca por equivalentes fonéticos, maior dificuldade para a leitura do que para a escrita);

- **Dislexia visual:** deficiência na percepção visual; na coordenação viso motora (não visualiza cognitivamente o fonema);

- **Dislexia auditiva:** deficiência na percepção auditiva, na memória auditiva (não audiabiliza cognitivamente o fonema).

- **Dislexia mista:** que seria a combinação de mais de um tipo de dislexia. Para Moojen apud Rotta (2006), é possível classificar a dislexia em três tipos:

- **Dislexia fonológica (sublexical ou disfonética):** caracterizada por uma dificuldade seletiva para operar a rota fonológica durante a leitura, apresentando, não obstante, um funcionamento aceitável da rota lexical; com frequência os problemas residem no conversor fonema-grafema e/ou no momento de juntar os sons parciais em uma palavra completa. Sendo assim, as dificuldades fundamentais residem na leitura de palavras não-familiares, sílabas sem sentido ou pseudopalavras, mostrando melhor desempenho na leitura de palavras já familiarizadas. Subjacente a essa via, encontra-se dificuldades em tarefas de memória e consciência fonológica. Considerando o grande esforço que fazem para reconhecer as palavras, portanto, para manter uma informação na memória de trabalho, são obrigados a repetir os sons para não os perder definitivamente. Como consequência, toda essa concentração despendida no reconhecimento das palavras acarreta em dificuldades na compreensão do que foi lido.

- **Dislexia lexical (de superfície):** as dificuldades residem na operação da rota lexical (preservada ou relativamente preservada a rota fonológica), afetando fortemente a leitura de palavras irregulares. Nesses casos, os disléxicos leem lentamente, vacilando e errando com frequência, pois ficam escravos da rota fonológica, que é morosa em seu funcionamento. Diante disso, os erros habituais

são silabações, repetições e retificações, e, quando pressionados a ler rapidamente, cometem substituições e lexicalizações; às vezes situam incorretamente o acento prosódico das palavras.

- **Dislexia Mista:** nesse caso, os disléxicos apresentam problemas para operar tanto com a rota fonológica quanto com a lexical. São assim situações mais graves e exigem um esforço ainda maior para atenuar o comprometimento das vias de acesso ao léxico.

Entre as consequências da dislexia encontramos a repetência e evasão, pois se o problema não é detectado e acompanhado, a criança não aprende a ler e escrever. Acontece também o desestímulo, a solidão, a vergonha, e implicações em seu autoconceito e rebaixamento de sua autoestima, porque o aluno perde o interesse em aprender, se acha incapaz e desprovido de recursos intelectuais necessários para tal.

Pode apresentar uma conduta inadequada com o grupo, gerando problemas de comportamento, como agressividade. Como podemos constatar que as sequelas são as mais abrangentes, em todos os setores da vida. Começa com um distúrbio de leitura e escrita e acaba com um problema que pode durar a vida inteira, como depressão e desvio de conduta.

3.2 Possíveis Sinais de Dislexia

- Lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e escrita;
- Trocas ortográficas ocorrem, mas dependem do tipo de dislexia;
- Problema para reconhecer fonemas repetidos em uma frase;
- Desempenho escolar abaixo da média, em matérias específicas, que dependem da linguagem escrita;
- Desatenção e dispersão
- Melhores resultados, nas avaliações orais, do que nas escritas;
- Dificuldade de coordenação motora fina;
- Problema de lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica);
- Dificuldade de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estrutura simples; esquecimento de palavras;
- Dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro;
- Problema de conduta: retração, timidez, excessiva e depressão;
- Desinteresse ou negação da necessidade de ler;

- Leitura demorada, silabadas e com erros. Esquecimento de tudo o que lê;
- Salta linhas durante a leitura, acompanha a linha de leitura com o dedo;
- Demora demasiado tempo na realização dos trabalhos de casa;

4. CASO DO ESTÁGIO - DIFICULDADE DO ALUNO

O critério de escolha desse estudo iniciou-se a partir de observações no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). De uma escola estadual no município de Guarabira, onde grande parte dos alunos apresentam dificuldade de leitura, em especial um aluno do 3º ano fundamental, onde nos chamou atenção.

A partir disso, decidimos coletar os dados desse aluno, que foi preciso a utilização dos seguintes instrumentos:

- **Anamnese:** Esse instrumento serve para conhecer o sujeito da pesquisa. De acordo com Sampaio (2012), este instrumento tem como objetivo colher dados importantes da história de vida, desde a gestação, da pessoa para que possam ser esclarecidos fatos observados durante a avaliação.

- **Atividade de intervenção:** O desenho da família, ele avalia a maneira como a criança percebe as relações de seu entorno imediato. É uma forma simples de avaliar a qualidade dos vínculos, da comunicação e do modo como as crianças constroem sua realidade a partir de seus relacionamentos familiares.

A pesquisa iniciou-se com a observação do aluno em sala de aula. Em primeiro momento observamos que o aluno ficava inquieto na carteira, não fazia as atividades que a professora solicitava. Também foi observado que ele só escrevia o primeiro nome com dificuldade, copiava do quadro com algumas letras ilegíveis e de tamanhos diferenciados. Sendo assim fiz algumas perguntas ao aluno.

De acordo com as perguntas realizadas, ele demonstrou que gosta da escola, dos professores e dos colegas. Informou também que gosta mais dos exercícios impressos em folhas, do que os quais tem que copiar do quadro, porque ele não gosta de copiar. Demonstrando ter ciência em sua dificuldade de aprender a ler. Ele também relatou que em casa preferia brincar a fazer as

atividades. Assim perguntamos o que ele mais gostava de fazer, respondendo que era jogar bola.

Tivemos contato com a professora, que nos informou que o aluno não sabia ler e tinha dificuldades na escrita. Quando iniciava uma atividade não terminava alegando estar cansado. Nos informou também que ele não acompanhava as mesmas atividades dos alunos da sala de aula.

Partimos em busca da família para sabermos algo mais da vida desse aluno e do seu desenvolvimento. Tanto pai quanto a mãe é ausente, o aluno reside com avó materna. A avó nos conta que desde que ele nasceu mora com ela, foi uma criança indesejada pela mãe que era muito nova, e tinha sonhos a serem realizados. Também com um olhar choroso revela que a mãe desde o ventre usava drogas lícitas e ilícitas.

Quando perguntamos a ela sobre o contexto escolar, ela afirma que não o acompanha porque tem mais 3 netos que moram com ela, e não tem tempo. Fizemos uma entrevista, no qual pedimos para ela nos responder um questionário sobre o aluno, (neto dela) que se encontra no (APENDICE A).

Seguindo nossa coleta de dados, aplicamos o “desenho da família” no aluno ².

Segundo Freud a projeção consiste em uma operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro (pessoa ou coisa) qualidades, sentimentos, desejos e mesmo objetos, que ele desdenha ou recusa em si. Esse mesmo processo é o que rege os sonhos, o animismo, o pensamento mágico, bem como a produção artística, através do mecanismo de deslocamento. (LAPLANCHE, 1983, pág., 478).

- **Analisando o desenho do aluno segundo LAPLANCHE (1923).**

Escolheu o lápis cinza – que pode indicar que a criança tenha sentimento de tristeza e insatisfação.

- Desenhou embaixo da folha do lado esquerdo – pode indicar que a criança esteja fugindo do meio.
- Fez traços firmes – podendo indicar sentimento de rigidez.
- Desenhou no tamanho diminutivo – pode indicar timidez e sentimento de inferioridade como também problemas emocionais
- Usou a borracha mais de cinco vezes – uso exagerado da borracha pode indicar incerteza, indecisão e insatisfação consigo mesmo.

² Localizada no APENDICE B.

O Desenho da Figura Humana proposto por Machover (1967) é uma técnica através da qual podemos analisar a percepção que o sujeito tem de si mesmo, sua autoimagem e como ele se posiciona em relação ao meio. É mais obviamente carregado de experiências emocionais associadas ao processo de subjetivação.

- O aluno desenhou primeiro a prima, depois avó, depois ele e logo após a mãe – de acordo com Machover (1967) a colocação das figuras descobrimos a valência dessas pessoas, para o sujeito.

- A criança falou que tem um irmão mas esqueceu de desenhá-lo – a omissão do sujeito pode indicar que não sente parte da família. Não recebe a afetividade que necessita segundo Machover (1967).

Entretanto o que colhemos ainda é pouco para dá um diagnóstico, mas se a gente pudesse dizer algo somente a partir das provas colhidas sobre ele, há uma grande chance do aluno ser disléxico.

Seria necessário fazer um relatório desse aluno e encaminhar para profissionais como psicólogo, psicopedagogo e fonoaudiólogo para melhor atendê-lo. Como também ajuda da família sendo primordial, e intervenções pedagógicas para ajudar esse aluno na sala de aula, no qual iremos falar no próximo capítulo.

5. PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Para propor algo precisamos ter todo conhecimento do desenvolvimento humano da criança. Quando ela apresenta um problema pontual em sua vida, pode ser ali apenas uma ponta do iceberg, podendo surgir futuros problemas no decorrer da sua trajetória.

É importante a identificação precoce de alterações no desenvolvimento buscando evitar consequências educacionais e sociais negativas no futuro, como o surgimento de dificuldades na aquisição da leitura e da escrita por exemplo. A orientação e o trabalho educacional poderão ajudar a minimizar problemas.

Neste sentido, é necessário que haja um trabalho conjunto, não dependendo apenas do professor, fazendo assim encaminhamentos importantes se o aluno apresentar sinais de dificuldades, para detectar o que realmente a criança apresenta. Ajudando o seu desenvolvimento e tentando sanar essa dificuldade.

Fazendo um plano individual para aquele aluno podemos propor atividades de estimulação que podem ocorrer através de canto, conversas, brincadeiras e leituras de história que favorecerão a aquisição de habilidades que potencializam o desenvolvimento da linguagem e do seu desenvolvimento cognitivo.

Toda capacidade de leitura pode ser otimizada precocemente para que se perdue ao longo da vida das pessoas. Desde sempre, nota-se que toda criança, especificamente as menores, gostam muito de que leiam para ela. Se abriremos um livro, apontarmos as figuras e mostrarmos que a história está ali, registrada no livro, estará cada vez mais estimulando o desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita. É assim que ela começa a interessar-se por livros.

Depois, porque estabelece correlações sensoriais como a visão, o olfato, a audição e o tato, entre o que está sendo falado e o que está sendo mostrado. E também, desperta sua curiosidade para decodificar os símbolos que se transformam na história que ouve tanto no ato da leitura quanto no decorrer da vida.

Logo, toda informação entra no cérebro através dos sentidos. A entrada não se refere à condição física dos órgãos. Porém, à maneira como o cérebro processa esse estímulo. A percepção é o termo que se usa para esse processo central de perceber o mundo.

Ao ser registrada a informação deve ser colocada em ordem correta (sequencial), entendida no contexto em que aparece (abstração) e interligada com outras informações pré-existente (organização). Após ser registrada, integrada, a informação deve ser armazenada, de modo a possibilitar sua recuperação em momento posterior.

Contudo, Coll (1995), pontua que há uma série de requisitos para o desenvolvimento ideal da linguagem: de natureza sensorial, motora e neurológica. Para um desenvolvimento harmonioso da linguagem, precisa-se da integridade anatômica e funcional de todos os órgãos que participam de seu processo de produção-recepção. Destacaremos, por sua especial importância, o aparelho respiratório, os órgãos fonadores, o aparelho auditivo, as vias nervosas e as áreas

corticais e subcorticais motoras e sensoriais.
(SILVER *apud* OLIVEIRA, 2004, pág., 90).

Nesse sentido, os professores, em sala de aula, precisam estar atentos para esta realidade, e para as peculiaridades do grupo onde atua. Suspeitando dos sintomas, sendo necessário que haja uma dedicação maior, em sala de aula, e ao longo do tratamento, que envolve em partes iguais a escola, a família e profissionais da saúde.

A primeira tarefa do professor é resgatar a autoconfiança do aluno. Descobrir suas habilidades para que não só o aluno possa acreditar em si mesmo, mas que uma parceria seja firmada a fim de que o educando se destaque em outras áreas.

Outra tarefa do professor ele deve prevenir as discriminações que possam ocorrer em relação ao disléxico. Caso seja necessário

[...] devem ser passadas informações sobre o distúrbio para a classe como um todo; sempre com a devida precaução de não estar expondo o aluno ou colocando-o em situação vexatória. Buscar sempre incluí-lo em todas as atividades, fazendo com que contribua com o que tiver de melhor: suas habilidades (LUCA, 2012, pág., 2).

Em relação à leitura deve-se evitar fazer com que o aluno leia em voz alta na sala. Para que isso ocorra é necessário fazer um trabalho antes com o aluno, evitando assim expor o mesmo. Como o aluno disléxico apresenta dificuldade em realizar leitura, durante a prova ele também apresentará esta dificuldade, e se o professor realizar a leitura das questões antes do início da prova, o aluno terá uma compreensão mais rápida e adequada (LUCA, 2012).

Assim, ele terá que se preocupar apenas em lembrar-se da resposta e organizar a escrita da mesma. O que para ele não é pouco. Se esta leitura não for realizada pelo professor, ele terá que fazê-lo por si só e provavelmente repetidas vezes, correndo o risco ainda de cometer erros e desta forma, fazer uma compreensão equivocada o que levaria a uma resposta também equivocada (LUCA, 2012, pág., 3).

Ainda tratando do assunto prova, outra dificuldade que o aluno encontrará é em relação ao tempo destinado à sua realização, considerando que o disléxico é mais lento para processar as informações, isso também afetará o momento de registrar a resposta. Neste sentido é necessário oferecer mais tempo ao aluno, tanto na realização de avaliações como em outras tarefas (LUCA, 2012).

Uma sugestão de método de avaliação a ser utilizado é a prova oral, já que a dificuldade de se expressar na escrita é muito grande, a solução pode ser a utilização da oralidade. “Desta forma o disléxico se sai melhor e consegue passar mais detalhes sobre a pergunta realizada” (LUCA, 2012, pág., 4).

- **Critérios para adaptação de avaliações no aluno com dislexia:**

- Elaborar mais avaliações e com menos conteúdo, para que o aluno possa realizá-las num menor tempo;
- Considerar que o disléxico já tem dificuldade para automatizar o código linguístico da sua própria Língua e mais ainda em relação à estrangeira;
- Não acumular conteúdos para começar a aplicar as avaliações. Ao contrário, aplique-as amiúde, de acordo com a progressão dos estudos, dando mais oportunidades aos alunos e evitando a acumulação de conteúdo a serem estudados. Para os disléxicos é preferível mais avaliações com menos conteúdo em cada uma delas;
- Sempre que possível, preparar avaliação individualizada. O ideal é que os instrumentais de avaliação sejam elaborados de acordo com as suas características;
- Ao corrigi-la, valorizar não só o que está explícito como também o implícito e adapte os critérios de correção à sua realidade;
- Utilizar linguagem clara, objetiva, com termos conhecidos;
- Elaborar enunciados com textos curtos, com linguagem objetiva, direta, com palavras precisas e inequívocas (sem ‘duplo’ sentido);
- Procurar deixar as questões ou alternativas com a mesma extensão;
- Evitar formular questões que possuem negativas;
- Evitar estímulos visuais ‘estranhos’ ao tema em questão;
- Se utilizar figuras, fotos, ícones ou imagens, ter atenção para que haja exata correspondência entre o texto escrito e a imagem;
- Ler a prova em voz alta e, antes de iniciá-la, verificar se os alunos entenderam o que se espera que seja feito;

Como uma das propostas de intervenção, sugerimos ainda o método fônico, no qual iremos focar com mais propriedade.

5.1 Método Fônico

O Método Fônico nasceu a partir da crítica ao Método Alfabético. Tem como princípio fundamental a relação entre os sons e as letras, ou seja, fonema e grafema. Cada letra do alfabeto representa um fonema, um som, que compõe a palavra.

Está atrelado ao modelo sintético, considerado mecânico, que respeita uma hierarquia de sons, palavras para unidades complexas como os textos. Vai da letra ao texto por meio da soletração e da silabação. Segundo os autores Capovilla e Capovilla (2010), o Método Fônico é o mais eficaz em países como os Estados Unidos, França e Reino Unido.

O processo parte dos sons mais simples para os mais complexos, as vogais são as primeiras letras a serem apresentadas, pois tanto o nome quanto o som da letra não apresentam o mesmo som, propondo uma facilidade de compreensão e assimilação na relação grafema/fonema.

Dentro da proposta do método, parte-se da palavra significativa para o aluno, palavras vinculadas a uma imagem, história, dentro de um contexto, e buscam-se a representações dos fonemas nela contidos.

O método fônico é baseado no ensino do código alfabético de forma dinâmica, ou seja, as relações entre sons e letras devem ser feitas através do planejamento de atividades lúdicas para levar as crianças a aprender a codificar a fala em escrita e a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento. (PEREIRA et al., 2013, pág., 7)

O Método Fônico é baseado no ensino do código alfabético de maneira dinâmica, as relações sons e letras são trabalhadas por meio de atividades lúdicas que levam a criança a codificar e decodificar no fluxo da fala.

Segundo Capovilla e Seabra (2013), o Método Fônico baseia-se em um ensino dinâmico do alfabeto que leva o aluno a aprender a codificar a escrita e a decodificá-la na fala, que é a leitura. As letras são pronunciadas sempre fazendo a relação fonema/grafema, pautando-se na consciência do som em cada letra da palavra. O Método Fônico deve ser introduzido de modo gradual, com complexidade crescente. Ocorre à medida que a criança vai adquirindo uma

boa habilidade de fazer decodificação grafofonêmica fluente, ou seja, depois de ter recebido as instruções explícitas e sistemáticas de consciência fonológica e de correspondência entre grafemas e fonemas. O método traz as pronúncias das letras fazendo a relação letra e som.

Capovilla e Seabra (2013) afirmam que, é errado confundir o Método Fônico com um método tradicional, explicando que o método tradicional utilizado no Brasil antes dos anos de 1980 era o método “silábico-alfabético”, que se pautava no ensino repetitivo das sílabas.

Já o Método Fônico, utiliza-se de um trabalho dinâmico e lúdico, que leva o aluno a aprender a codificar a escrita e também a decodificá-la na fala, a leitura. Mesmo o ensino das correspondências grafofonêmicas ser um sistema antigo (provavelmente do século XVI), o desenvolvimento da “consciência fonológica” é um termo recente e tem sido incentivado a partir do século XX.

5.2 Características do Método Fônico

Na fase inicial da alfabetização, segundo Capovilla e Seabra (2013), os nomes e sons das letras são apresentados e repetidos em voz alta, brincando com esses nomes e sons, a fim de estabelecerem vínculos com as vogais e consoantes, de forma lúdica e significativa.

A associação entre símbolos (letras) e som (fala) possibilita que a criança seja capaz de decifrar milhares de palavras além das que fazem parte do seu vocabulário.

De acordo com o método, toda criança que se alfabetiza adquire o princípio alfabético, ou seja, compreende que as palavras são compostas de sons menores do que as sílabas, que são os fonemas, e que os fonemas, por sua vez, são representados por grafemas.

Logo as crianças aprendem a decodificar, que é a relação entre som e letras, extraídos das palavras e da escrita, desenvolvendo de maneira eficaz a consciência fonêmica.

Consciência fonêmica refere-se à capacidade de identificar os segmentos do som que formam a palavra. O Método Fônico é a maneira de alfabetizar por meio dessa conscientização. A leitura constitui-se de duas técnicas básicas: análise e síntese. A análise baseia-se em exercícios que ajudam a criança a perceber a

segmentação das partes da palavra e a forma de juntar (decompor palavras e sílabas). E a síntese, separar as palavras (compor os fonemas e formar palavras).

A análise é o reverso da síntese. Os fonemas estão na base do código alfabético. Capovilla e Seabra (2013), citando Frith (1985), explicam que a criança passa por três etapas de aquisição de escrita e se utiliza de três estratégias. Na primeira, chamada de fase logográfica, a criança reconhece a palavra como um desenho, na leitura tenta reconhecê-la por adivinhações de acordo com a imagem visual. A segunda chama-se fonológica, desenvolve-se na fase alfabética, inicia-se o processo de decodificação e decodificação, fazendo a correspondência de letra e som. Nessa etapa, a criança consegue ler bem as palavras consideradas regulares.

A terceira é a lexical, etapa chamada ortográfica, quando a criança já identifica as irregularidades das palavras, as partes são automaticamente reconhecidas visual e auditivamente. Nesse método, a criança inicia o processo reconhecendo a palavra como desenho, depois compreende a palavra como representações da fala e, posteriormente, atribuem significado e dão importância à relação fonema/grafema.

Considerando os estudos sobre o Método Fônico, está firmado que essa aprendizagem deve ser introduzida de modo gradual, com complexidade crescente em relação ao som e a escrita, conforme a criança for adquirindo habilidade satisfatória de realizar a decodificação grafofonêmica fluente, sistematizando a consciência fonológica e de correspondência entre grafema/fonema.

Encontram-se na literatura proposições de se pautar a alfabetização em pressupostos essencialmente fônicos, em que o aprendizado das letras/grafemas era associado aos sons/fonemas.

Essa metodologia é utilizada em muitos países e explicitada com muita propriedade no livro *Alfabetização Infantil* (Cardoso; Martins et al, 2005). Encontramos como exemplos do método fônico no Brasil, como Meirelles e Meirelles (*Casinha Feliz e Tempo de Despertar*, meados de 1960); Silva, Pinheiro e Cardoso (*A abelhinha*, 1973); Capovilla e Capovilla, *Alfabetização Fônica*, 2002), e outros que aliam fonemas, mas Nico e Gonçalves (*Facilitando a Alfabetização*, 2008); e abordagens fônicas contextualizadas, Oliveira (*Alfas e Beto*, 2003). (JARDINI, 2010, pág., 67).

Segundo FERREIRO e TEBEROSKY (1986, pág., 19) a aprendizagem da leitura e da escrita é uma questão mecânica. Trata-se de adquirir a técnica para o decifrado do texto. Porque se concebe a escrita como transcrição gráfica da linguagem oral, ler equivale a decodificar o escrito em som.

Nessa perspectiva, é evidente que o método será tanto mais eficaz quanto mais o sistema da escrita estiver de acordo com os princípios alfabéticos. Isto é, quanto mais perfeita seja a correspondência som versus letra. Em nenhum sistema de escrita existe uma total coincidência entre a fala e a ortografia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos o estudo que realizamos durante a construção do Trabalho de Conclusão de Curso, relevante tanto pessoal quanto profissionalmente, uma experiência sem igual, contendo material rico sobre o desenvolvimento humano para analisar possíveis causas da dificuldade na aprendizagem de um indivíduo. Como a dificuldade de leitura que foi o estudo de caso. Foi verificado que a escola tem um fundamental papel para o desenvolvimento de leitura da criança. Contudo, ela precisa de apoio de todos os envolvidos no processo.

Concluimos que, quando houver desconfiança tanto do professor quanto dos pais, de que uma criança tem dislexia, o melhor modo a proceder seria encaminhando o mesmo a um profissional capacitado, como, psicólogo, fonoaudiólogo e etc., para que seja realizado o efetivo diagnóstico.

O professor, no entanto, desempenha um papel muito importante na vida desta criança, pois ele pode ajudar a minimizar problemas como, por exemplo, o da linguagem, desenvolvendo diferentes estratégias de ensino e aprendizagem, proporcionando a motivação e a vontade de aprender sempre mais.

Por conseguinte, é importante também que a criança tenha um apoio mútuo de professores, pais e profissionais, pois, apesar de não haver cura para este distúrbio, há a possibilidade de amenizar as dificuldades que o portador do mesmo enfrenta.

Acreditamos, por fim, que esse é um processo que exige dedicação, conhecimento, amor, carinho e determinação, e é nesse sentido que clamamos a todos que trabalham com educação e saúde dessas crianças; que para além das dificuldades, assumam compromisso com os que mais precisam e que não podem ser prejudicados ou ter direitos negados.

Esperamos que esse trabalho tenha oferecido um auxílio de estratégias, no que se refere a uma contribuição interventiva ao distúrbio da Dislexia, sendo oferecendo formas de ajudar os sujeitos que sofrem desse transtorno e que não aprenderam ainda a ler.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1ª a 4ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1997a., 10 volumes.

BANDURA, A. (1989). **Teoria Cognitiva Social**. Em R. Vasta (Ed.), *Anais do Desenvolvimento Infantil*. Seis teorias do desenvolvimento infantil (Vol. 6, pp. 1-60). Greenwich, CT: JAI Press.

COLE, M., & Cole, S. (2003). **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed.

COLL, César. **Desenvolvimento psicológico e educação: Necessidades especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Capovilla, A. G. S., & Capovilla, F. C. (2000a). **Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica**. São Paulo: Memnon.

DUBOIS, Jean et ali. **Dicionário de lingüística**. Direção e coordenação geral de Izidoro Blinsein. São Paulo: Cultrix, 1993.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Tradução de D. M. Lichstein et. al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284p.

FRITH, U. **Abaixo da superfície da dislexia do desenvolvimento**. Em: PATTERSON, K. E .; MARSHALL, J. C .; COLTHEART, M. *Dislexia superficial:*

análise neuropsicológica e cognitiva da leitura fonológica. Londres: Lawrence Erlbaum, 1985.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FERREIRO, Emilia. Reflexões **Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

IANHES, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

JOSÉ, E. da A.& COELHO, M. T. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LINDGREN, H. C. **Psicologia na sala de aula: o aluno e o processo de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

MACHOVER, K. (1967). **O traçado da Figura Humana: um método para o estudo da personalidade**. In: H. H. Anderson & G. L. Anderson (Orgs.), *Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico* (p. 345-370). São Paulo, SP: Mestre Jou.

OLIVEIRA, M.A.C. **Intervenção psicopedagógica na escola – Curitiba: IESDE**, 2004.

PAPALIA; Diana; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **O mundo da criança**. 8.ª edição. Lisboa: McGraw-Hill, 2001.

PIAGET, J. Seis **Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1980.

SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**. (4 ed), São Paulo: Martins Fontes, 1978. (a)

APÊNDICE

APENDICE A

DADOS PESSOAIS

Nome: WANDERSON DA SILVA SANTOS

Idade: 9 ANOS

Tem apelido? () S (X) N **Qual?** _____ **Ele(a) gosta?** () S () N

Nascimento: 13/08/2009 **Sexo** (X) M () F **Naturalidade:** GUARABIRA

QUEIXA NA ESCOLA

PREGUIÇOSO, NÃO FAZ AS ATIVIDADES SOZINHO EM SALA, E AS DE CASA NÃO VEM FEITAS.

HISTÓRIA DE VIDA

CONCEPÇÃO :

Filho(a) desejado(a) () sim (X) não

Sua filha queria engravidar? () sim (X) não

Foi acidental? (X) sim () não

Como foi a gestação? (cuidados pré-natais, doenças, sintomas, alimentação)

A MÃE DESCOBRIU QUANDO ESTAVA COM 5 MESES, E NÃO TEVE NENHUM CUIDADO NA GESTAÇÃO, USAVA DROGAS LICITAS E ILÍCITAS.

Como foi o parto? (sofrimento fetal, má oxigenação, lesões)

NASCEU NORMAL.

AMAMENTAÇÃO:

Mamou no peito? () sim (X) não
 Como foi a passagem do peito para a mamadeira?
 ELE SEMPRE TOMOU MAMADEIRA.
 Hoje tem hora para comer () sim (X) não
 Come depressa (X) sim () não
 Mastiga bem () sim (X) não
 Comem juntos () sim (X) não
 Come vendo TV (X) sim () não

ELIMINAÇÃO

Com que idade parou de usar fraldas?
 5 ANOS
 Como foi a passagem para o troninho?
 SEGURAVA NA MÃO DA AVÓ.
 Como eram as fezes ? () líquida () pastosa () ressecada (X) normal

EVOLUÇÃO PSICOMOTORA

Ficou no cercadinho () sim (X) não
 Engatinhou (X) sim () não
 Com que idade andou?
 10 MESES
 Caía muito (X) sim () não
 Quem ensinou a andar?
 VOVÓ
 Mostrava-se corajoso(a) ao subir uma escada ? (X) sim () não
 Era corajoso ao explorar, engatinhando, um novo espaço ? (X) sim () não
 Era inseguro? (X) sim () não
 Com quem andava melhor?
 COM VOVÓ.
 E dos grandes músculos? (Chutar uma bola, correr)
 BRINCAVA COM OS PRIMOS

Hoje:

Nada ? () sim (X) não
 É agitado(a)? (X) sim () não
 Anda de patins? () sim (X) não
 Anda de bicicleta sem rodinha ? (X) sim () não
 Anda a cavalo ? () sim (X) não
 Sobe em árvores ? (X) sim () não

FALA

Com que idade começou a falar ? 2 ANOS
 Com quem falava mais? COM OS PRIMOS

Falava(m) para ele(a) repetir ? ()sim (X)não
 Quais foram as primeiras palavras ? NÃO LEMBRO
 Falava muito errado ? (X) sim ()não

Hoje:

Troca letras ? (X) sim ()não
 Fala muito (X) sim ()não
 Fala de uma forma que todos entendem ? (X) sim ()não
 Consegue dar um recado ? (X) sim ()não
 Faz uma compra sozinho(a)? (X) sim ()não
 Você entende o que ele conta ? (X) sim ()não
 Tem começo, meio e fim ? () sim (X)não

SONO

É agitado? (X)sim ()não
 É sonâmbulo? ()sim (X)não
 Tem pesadelos? (X)sim ()não
 Dorme só ou acompanhado?
 ACOMPANHADO
 Com quantas pessoas?
 3 PESSOAS

Tem medo de dormir sozinho? (X)sim ()não
 Enurese noturna? ()sim (X)não

História Clínica:

Ocorreram:

Bronquite ? () sim (X)não
 Alergia? () sim (X)não
 Asma? () sim (X)não
 Viroses infantis? (X) sim ()não
 Internações ? (X) sim ()não
 Cirurgias ? () sim (X)não
 Outras doenças: NÃO
 Tratamentos realizados (fonoaudiólogo, psicólogo....) () sim (X) não
 Problemas de visão? (X)sim () não
 Audição? () sim (X)não

APÊNDICE B

